

Jornal do Brasil

15/6/1986

A nau paulista dos insensatos

Além de Jânio, Maluf?

Augusto Nunes

Certas crianças, quando se irritam com algo, arranham-se, jogam-se ao chão e dão socos em si próprias, num exercício de autoflagelação que, com a idade, percebem ser um ato de burrice. Como dizem os pais de crianças assim, isso passa. Milhões de paulistas, aborrecidos com seu aflitivo cotidiano, parecem ter resolvido castigar-se politicamente, só que estendendo os efeitos do castigo também a vizinhos que pensam e agem de modo diverso. Em novembro passado, esses irados paulistas decidiram autoflagelar-se colocando Jânio Quadros na prefeitura da maior cidade do país. Isso passa, disseram vozes otimistas. Jânio tem sido um desastre, mas, a julgar por recentes pesquisas sobre o quadro da sucessão em São Paulo, tal tendência masoquista não vai passar tão cedo: esses levantamentos sugerem que, por enquanto, dá Paulo Maluf na cabeça.

Paulistas são muito chegados a reincidências. Nos anos 40, por exemplo, o árbitro do Estado Novo impingiu-lhes o interventor Adhemar de Barros, uma flor da criminalidade política. "Rouba mas faz", dizia o slogan cunhado por seguidores de Adhemar, que pelo jeito só recorria ao segundo verbo para conjugar com mais agilidade o primeiro. Pois milhões de paulistas gostaram dos seus métodos, tanto assim que o elegeram pelo voto direto em 1947 e reincidiram na delinquência em 1962.

Jânio Quadros é outro bom exemplo de que uma larga fatia dos paulistas é formada por reincidentes incuráveis — no caso de Jânio, as conseqüências dos delitos eleitorais diferem em extensão, mas a arma do crime é sempre a mesma: ele. Cabeças equilibradas puderam antever no vereador excêntrico dos anos 40 o presidente aloprado de 1961. Mas Jânio, ao leme da nau dos insensatos, conseguiu fazer escalas na prefeitura, no governo do estado e no congresso, sempre pelo voto direto. Submergiu no Planalto, mas lá está ele novamente ancorado no Ibirapuera. Quem está submergindo é nossa pobre São Paulo.

"Desgraça pouca é bobagem", dizia minha sábia avó italiana. Devem pensar assim os eleitores que cismaram de recolocar Paulo Maluf no Palácio dos Bandeirantes, onde já reinou por longos, intermináveis quatro anos. Sim, as opções são pouco atraentes. Orestes Quércia é hoje um homem atarantado, que não conseguiu adaptar-se à cidade grande com suas botinas de midnight cowboy mas já não circula à vontade em pedregulho, porque agora sabe inglês, arranha economia e aboliu as costeletas. Antônio Ermírio de Moraes segue esperando que seu Godot enlouquecido desça do gabinete na prefeitura para ajudá-lo nos palanques — e, enquanto espera, faz a felicidade dos caçadores de frases infelizes e declarações estabanadas. Eduardo Suplicy se distrai brincando de pobre entre bóias-frias de Guariba ou tentando empinar pipas que não decolam. Mas eu cravaria qualquer desses palpites se perto deles me espreitasse a quinta coluna de Paulo Maluf.

Há menos de dois anos, a parte sadia do país se revelou suficientemente enérgica para erradicar um tumor que crescera distribuindo ambulâncias, passagens aéreas, guias de Internamento em hospitais, favores e gorjetas. O Brasil então parecia resolvido a se tornar adulto, e a livrar-se de políticos que agem como se todo homem tivesse seu preço, como se o metro a medir a ponte para o poder fosse o talão de cheques. Também a julgar pelo que revelam as pesquisas de opinião, essa não foi uma má idéia: os brasileiros se dizem satisfeitos com o governo que resultou da resistência nacional à aventura malufista. Mas paulistas são

muito complicados, e ameaçam ressuscitar, pelo voto direto, o homem que os governou bionicamente entre 1979 e 1982.

Paulistas são mesmo gente sem memória. Fossem menos desmemoriados e ainda estariam lastimando os milhões de cruzeiros enterrados nas fossas da Paulipetro, os milhares de dúzias de rosas enviadas a mulheres de chefetes interioranos, o delírio da nova capital, a ultrajante viagem das Arábias, a Institucionalização do cinismo — sobretudo, a institucionalização do cinismo, talvez a marca maior da era malufista.

Fossem menos desmemoriados e os paulistas estariam ainda amargando os sorrisos debochados com que deputados que chamavam o chefe de Paulo impediram a aprovação da emenda das diretas Já. Mas falta memória (ou falta vergonha).

Certa vez, ao entrevistá-lo num programa de televisão, perguntei a Maluf que livro estava lendo naqueles dias. A resposta veio rápida: A Terceira Onda, de Alvin Tofler. Mais de um ano depois, em outro programa de TV, repeti a pergunta. A resposta: A Terceira Onda, de Alvin Tofler. Eu não compraria um livro usado de um homem assim. Em ambas as entrevistas, e em muitas outras, ele admitiu que há muito tempo não ia ao cinema, nem ao teatro, nem viajava a passeio. Robô programado para chegar de alguma forma ao Planalto, não tinha tempo para ocupações cosméticas.

Por isso, basta formular perguntas não previstas nos disquetes para que a máquina emita respostas amalucadas com sua voz cibernética. Numa das muitas vezes em que o entrevistei, quis saber o que ele tinha a dizer sobre os direitos das minorias. Maluf começou a dissertar sobre as mulheres. Lembrei-lhe que mulheres não são exatamente uma minoria. Maluf então recordou-se dos homossexuais, e declarou ter muita pena dessa gente. Perguntei-lhe o que faria se uma delegação de gays o procurasse para expor algumas reivindicações. Maluf agitou-se na cadeira. Isso não era com ele, informou; esse problema enquadrava-se na área da Secretaria de Saúde. Meditou alguns segundos e emendou: ou da Secretaria de Segurança Pública.

A vontade de ressuscitar Maluf que assalta os paulistas também parece configurar um problema a ser resolvido pela Secretaria de Saúde. Ou pela Secretaria de Segurança Pública. Ou pela delegacia mais próxima.

(Página 4 — Caderno B/Especial)